Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina

ISBN: 978-85-7205-159-0

AS MARCAS LITERÁRIAS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DAS DÉCADAS DE 1950 E 1980

Ana Flávia Ercolini Ferreira, graduanda do curso de Letras Habilitação Português Espanhol, UNIFESP

anaflavia_ercolini@hotmail.com

*Orientadora: Joana de Fátima Rodrigues, professora adjunta do curso de graduação em Letras Português Espanhol,UNIFESP

joanarodrigues2@uol.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar os traços literários na escrita de Gabriel García Márquez. Para isso, analisaremos algumas crônicas escritas nos anos de 1950, 1951, 1981 e 1983, publicadas, respectivamente, na coluna diária intitulada *La Jirafa*, do periódico *El Heraldo* e no periódico *El Espectador*, de Bogotá. O *corpus* deste estudo é composto por cinco crônicas pertencentes a esses períodos da trajetória do escritor, cuja temática está relacionada à sua produção de escrita. O eixo central do artigo diz respeito à presença da literatura nas crônicas jornalísticas. As perspectivas teóricas foram contextualizadas pelos estudos de Candido (1980 e 1992), Culler (1999), Soares (2002) e Sartre (1999), as quais nos auxiliaram na identificação de traços característicos da escrita literária de Gabriel García Márquez, nos períodos destacados em suas produções jornalísticas. Com esse estudo buscamos obter respostas para a questão central, quais são as marcas literárias presentes nesses textos jornalísticos de García Márquez?

Palavras-Chave: crônicas; jornalismo-literário; Gabriel García Márquez, *El Heraldo*, *El Espectador*.

Resumen

Este trabajo pretende identificar los rasgos literarios en la escritura de Gabriel García Márquez. Se analizan algunas crónicas que han sido escritas en los años de 1950, 1951,1981 y 1983, respectivamente, y publicadas en la columna *La Jirafa* del periódico *El Heraldo* y en el periódico *El Espectador*, de Bogotá. El corpus de este trabajo está compuesto por cinco crónicas de esos periodos de la trayectoria del escritor, cuyo tema se relaciona con su producción escrita. El análisis de las crónicas que nos ocupa está basada en los estudios de Candido (1980 y 1992), Culler (1999), Soares (2002) y Sartre (1999). Con ese estudio se busca respuestas para la cuestión central, que es la que se plantea ¿Cuáles son los rasgos literarios presentes en esas crónicas del autor?

Palabras-Clave: crónicas; periodismo-literario; Gabriel García Márquez, *El Heraldo*, *El Espectador*.

ISBN: 978-85-7205-159-0

"O que você viveu ninguém rouba"
Gabriel García Márquez

Estudos na área do jornalismo literário têm mostrado divergências entre os autores de textos literários e jornalísticos, mas sabe-se que este é um gênero híbrido. Há pesquisadores a respeito deste tema que trabalham com a proximidade entre o jornalismo e a literatura, dos quais citamos Lima (2009). Lima (op. cit.) que optou pela denominação de 'jornalismo literário'. Para o autor, esse gênero textual representa um tipo de jornalismo que "ao longo do seu desenvolvimento importou técnicas narrativas da literatura ficção, adaptando-as para histórias da vida real" (LIMA, 2009, p. 352).

Para que possamos entender com mais clareza esse gênero que a exemplo da crônica, se mantém na hibridez, apresentamos algumas considerações sobre jornalismo e literatura.

Definir literatura não é uma tarefa fácil, mas de maneira geral pode ser entendida como a arte de se expressar por meio de palavras.

> A arte, e, portanto a literatura, é uma transformação do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, as pessoas, os seres e os sentimentos (CANDIDO, 2000, p.53).

O crítico literário Antonio Candido (1980) entende a literatura partindo da ideia de sistema, em que os denominadores estão integrados. Esse conceito de literatura como sistema é definido por Candido (2000) no prefácio da obra *Formação da literatura brasileira: tempos decisivos,* e nos afirma que para a literatura se configurar plenamente como um sistema articulado*,* depende da existência do triângulo autor-obra-leitor, em interação dinâmica, e de certa continuidade da tradição.

Candido (2000) também nos apresenta a definição de literatura atrelada à questão humanizadora, quando menciona a expressão "o direito à literatura" (CANDIDO, 2000, p.169), pois segundo ele, a literatura é um direito universal de todos os seres humanos, e diríamos mais, a literatura tem a capacidade de proporcionar experiências também mais humanizadoras junto aos leitores, ao promover a expressão e o compartilhamento de emoções igualmente humanas, como a morte e o medo, por meio de suas narrativas.

Candido (1980) iguala a literatura aos componentes dos direitos humanos, como o direito à liberdade, educação, saúde, moradia, entre outros; e afirma também que sem a arte e literatura, "sou menos humanizado que o outro".

Jean Paul Sartre (1999) em seu livro O q*ue é literatura,?* nos traz a definição de literatura atrelada também à questão humana: "É uma função abstrata e um poder *a priori* da natureza humana, é o movimento pelo qual, a cada instante, o homem se liberta da história: em suma, é o exercício da liberdade". (SARTRE, 1999, p.82)

E complementa ser igualmente a literatura que nos acirra dessa faceta política, em busca dessa liberdade de expressão:

ISBN: 978-85-7205-159-0

> (...) a literatura é, por excelência, a subjetividade de uma sociedade em revolução permanente. (…) Assim, numa sociedade sem classes, sem ditadura e sem estabilidade, a literatura completaria a tomada de consciência de si mesma: compreenderia que forma e fundo, público e tema são idênticos, que a liberdade formal de dizer e a liberdade material de fazer se completam, e que se deve utilizar uma para exigir a outra; compreenderia que a literatura manifesta tanto melhor a subjetividade do indivíduo quanto mais profundamente traduz as exigências coletivas, e reciprocamente, que a sua função é exprimir o universal concreto para o universal concreto, e a sua finalidade é apelar à liberdade dos homens para que realizem e mantenham o reino da liberdade humana". (SARTRE, 1999, p. 120)

Com essas palavras, conseguimos depreender o que Sartre (1999) considera como literatura, e dizer que assim como Candido (2000), a literatura é um direito humano.

No que se referem aos conceitos acerca do jornalismo, nos apropriamos dos estudos que Vizeu (2007) realizou sobre o professor, pesquisador e jornalista Luiz Beltrão, do próprio Beltrão (1992) e de Vivaldi (1986). Os estudos de Beltrão reportam ao jornalismo, no que diz respeito a sua definição e as características do gênero. Em sua obra *Iniciação à filosofia do Jornalismo,* refere-se ao jornalismo como sendo: "a informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum" (BELTRÃO, 1992, p. 65-66).

O trabalho de Vizeu (2007) aponta que:

> para o pesquisador, a atividade jornalística está sempre ligada à vida sobre a qual tem uma grande força não apenas na fixação de conceitos, mas contribuindo para que as ideias circulem e provoquem uma "grande vibração do pensamento coletivo". (VIZEU, 2007, p.19)

Os estudos de Vivaldi (1986) nos interessam porque nos apontam o que é relevante no ofício do jornalista. O autor afirma que ao jornalista cabe o relato dos acontecimentos, sob um modo imparcial, completo, conciso e verdadeiro sem, no entanto, se distanciar de uma linguagem personalizada, e que se aproxima do estilo literário. Segundo o autor, "nem o jornalismo é só mera objetividade, nem a literatura é puro subjetivismo" (VIVALDI, 1986, p. 249. trad. nossa).

Benetti&Hagan (2010) no artigo *Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características,* trazem a fala de Vivaldi (1986) sobre o quanto de hibridez carrega a crônica jornalística.

> (…) de todos os gêneros, o mais híbrido, flexível e literário, na perspectiva de Enric Sòria, é a crônica. (...) resulta na descrição de um acontecimento sob o prisma pessoal e reflexivo do autor, enquanto a notícia obedece a um formato textual informativo mais rígido. O termo "crônica", tal como Gonzalo Vivaldi esclarece em *Géneros*

ISBN: 978-85-7205-159-0

> *Periodísticos* (1986), provém da palavra grega *cronos*, que significa tempo, o que comprova que este gênero, antes de ficar restrito ao campo jornalístico, inicialmente se fundia com o da literatura, e era considerado um gênero literário que relacionava acontecimentos históricos e que obedecia a uma ordem temporal. *(VIVALDI, 1986,* p. 123 *apud* Benetti& Hagen).

Para ampliar um pouco mais nossa visão a respeito desse gênero literário, fomos buscar em Jorge de Sá (1997) a referência dessa hibridez, uma vez que esse gênero carrega uma mistura de jornalismo e de literatura:

> (...) sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter), dirigia-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação. (SÁ, 1997).

Outro aspecto relevante a ser comentado sobre esse gênero é o que nos traz Magda Soares (2002), ao enfatizar que a crônica por se constituir como polifórmica,

> ela se utiliza efetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, do verso, da resenha, de personalidades reais, de personagens ficcionais (…) afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E enquanto literatura, ela capta poeticamente o instante, perenizando-o. (SOARES, 2002).

A partir desse recorte temático escolhemos cinco crônicas. Sendo as três, "*Todos os que estão", "A entrevista com Faulkner" e "Ladrões de mecanografia",* publicadas originalmente nos anos de 1950 e 1951 no jornal colombiano *El Heraldo*, na coluna diária intitulada *La Jirafa* e posteriormente reunidas no livro *Gabriel García Márquez Textos Caribenhos Obra Jornalística I 1948-1952*, publicado em 2006, com tradução de Joel Silveira e recompilação e prólogo de Jacques Gilard. A essas três somamos mais duas, *Que livro você está lendo?'"* e "*Meu Hemingway pessoal",* publicadas respectivamente em 20 de julho de 1983 e 29 de julho de 1981, no jornal *El Espectador*, de Bogotá e que mais tarde foram reunidas no volume *Crônicas – Obra Jornalística 5 - (1961-1984)*, com tradução de Leo Schlafman e publicado em 2006.

A respeito da definição de literariedade, utilizamos como arcabouço teórico as definições de Culler (1999) no sentido de sua afirmação, "literariedade é a presença de aspectos literários, dentro de 'fenômenos não-literários'". E é justamente com esse propósito que trabalharemos nesse artigo, uma vez que estamos diante de textos jornalísticos, mas que evidenciam a presença de traços literários. Fator esse que nos leva à análise de como o escritor García Márquez faz uso de uma determinada linguagem e de elementos literários em seus escritos.

Com base no suporte teórico apresentado, analisamos cinco crônicas de Gabriel García Márquez buscando

ISBN: 978-85-7205-159-0

reconhecer em tais textos os traços literários. Constatamos que as crônicas estudadas apresentam, eminentemente, um metatema, cuja temática reporta-se ao processo de escrita do autor. Veremos que esses textos selecionados retratam o processo de escrita de autor, atrelado à sua atividade leitora, já que é possível verificar nessas crônicas suas inspirações literárias, seus "mestres" - como assim gostava de chamar aqueles escritores a quem García Márquez dedicou anos de leituras formativa e afetiva. Constrói-se a hipótese de com o passar do tempo a escrita de Gabriel García Márquez foi se refinando e as suas experiências jornalísticas e suas referências literárias foram importantes para a consolidação de sua escrita.

A análise por sua vez, recaiu sobre algumas passagens mais importantes das crônicas, que justificam as ideias apresentadas levantadas no estudo. Vale lembrar que essa pesquisa utilizou-se de textos já traduzidos ao Português, publicados em coletâneas[1], o que evidencia que não trabalhamos com textos em seu idioma original, o espanhol.

Antes de partirmos para a leitura analítica, apresentaremos de maneira sucinta um pequeno perfil do autor colombiano. O escritor e jornalista Gabriel García Márquez nasceu em Aracataca no dia 6 de março de 1927, e iniciou os estudos no curso de Direito da Faculdade de Direito e Ciências Políticas da Universidade Nacional de Bogotá, o qual nunca concluiu, e logo no segundo ano do curso escolheu seguir carreira no jornalismo, que definia como "a melhor profissão do mundo" [i].

Consagrado como um dos renomados autores latino-americanos do século XX, precursor do realismo mágico e um dos maiores nomes da literatura de língua espanhola; com mais de 30 títulos publicados e um número superior à marca de 1,5 milhão de livros vendidos no Brasil, pode ser considerado um dos escritores mais populares em língua espanhola depois de Miguel de Cervantes.

O vínculo de Gabriel García Márquez com o jornalismo e a literatura teve início em 1948, na cidade de Cartagena, quando começou a atuar nas páginas do periódico *El Universal*, como uma espécie de redator. Nessa época já havia publicado alguns de seus primeiros contos em outro jornal colombiano, *El Espectador.* Esse primeiro conjunto de contos, aconteceu no período de 1947 e 1952, somando um total de dez, sendo que os cinco primeiros foram, "La tercera resignación", "Eva está dentro de su gato", "La otra costilla de la muerte", "Tubal-Caín forja una estrella" e "Diálogo del espejo", segundo estudos de Vargas Llosa.[2]

Em 1967, com o romance *Cem Anos de Solidão*, épico sobre uma família Buendía, numa cidade imaginária chamada Macondo, cujas vendas alcançaram mais de 50 milhões de cópias e teve tradução para mais de 35 idiomas, o que entre tantos reconhecimentos, recebeu do poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), um expressivo comentário: "É o melhor romance escrito em castelhano desde Cervantes". Afora o reconhecimento do colega chileno, a obra concedeu-lhe a premiação de Nobel de Literatura em 1982, tornando-se o primeiro colombiano e quarto latino-

---

[1] MÁRQUEZ, Gabriel García. *Textos andinos, 1954-1955.* trad. Remy Gorga Filho e Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Record, 2006. MÁRQUEZ, Gabriel García. *Crônica – Obra jornalística 5 - (1961 – 1984).* Trad. Léo Schlafman Rio de janeiro: Record, 2006.

[2] In: LLOSA, Vargas. García Márquez: *Historia de un deicidio.* Barcelona-Caracas: Monte Ávila Editores. p. 218

ISBN: 978-85-7205-159-0

americano a receber tal premiação.

Partimos desse rápido perfil, para as duas vertentes que estão muito presentes em sua obra como uma totalidade, o que aborda os romances, contos, peça de teatro, roteiros de filmes, discursos e as oficinas de exercícios, que são o jornalismo e a literatura, e compreendemos que García Márquez é um escritor que lança mão de um estilo de escrita e de um estilo narrativo calcados na corrente literária do realismo mágico; corrente literária desenvolvida nos anos 1960, que nas palavras de Ubidia (1997):

> O realismo mágico é a amálgama de dois discursos: o oral e o escrito. E de duas culturas: a popular e a "culta". (…) Sua verdade só existe dentro dela. É simulada. O autor e o leitor fazem um pacto: aceitam como certo tudo o que esse discurso conta. Os milagres, as desmesuras, e as crenças mágicas. Porque existe um povo que crê nele. E acredita de verdade. O mais elevado da verossimilhança das tradições populares é o mesmo do realismo mágico. (…) Realismo mágico é o que aceita como verdadeiro o mundo das tradições orais (UBIDIA, 1997, tradução nossa).

Quando García Márquez publica as três crônicas aqui referidas nos anos de 1950 e 1951 não havia publicado nenhuma obra a não ser os contos acima citados. Nessa fase inicial da trajetória intelectual do autor, o cenário mundial abraçava a Guerra Fria, enquanto que na Colômbia, o cenário era outro, conforme relata Jacques Guilard:

> (...) o ingresso de García Márquez no jornalismo deu-se na raiz desse cataclismo histórico e moral que para a Colômbia representou o 9 de abril de 1948. os anos que se seguiram, os anos em que García Márquez trabalhava em Cartagena e Barranquilla, foram os piores da Violência, sob as presidências e/ou tiranias conservadoras de Ospina Pérez, Laureano Gómez e Udaneta Arbeláez. Meses antes do acesso de García Márquez à chefia da redação de *El Universal,* deu-se o golpe do general Rojas Pinilla. Foi um período sumamente negro da história colombiana aquele em que García Márquez dedica-se a escrever textos humorísticos. (…) A explosão de 9 de abril e os crimes cada vez menos discretos da Violência partidária revelaram a existência de uma Colômbia da qual não se suspeitava, uma Colômbia que nada tinha a ver com a fachada democrática e tranquila que havia mostrado o país durante um largo período (GILARD, 2006).

É também o período em que Gabriel García Márquez vinha participando de um grupo que reunia escritores e poetas com o objetivo de discutir textos literários dos próprios integrantes, como também de muitos autores colombianos, latino-americanos e estrangeiros e universais como Kafka e Faulkner, o quê nas palavras de Martín (2009) fazia com que o colombiano pertencesse a uma informal fraternidade boêmia, que mais tarde passou a ser conhecido como 'Grupo de Barranquilla', então liderado pelo livreiro catalão, Ramón Vinyes.

O grupo tinha como professor Alfonso Fuenmayor, o então diretor do *Diario del Caribe*, e Juan Jinete, gerente desse mesmo jornal e amigo inseparável de Fuenmayor, Álvaro Cepeda, Germán Vargas, Alejandro Obregón, Nereo López e o próprio Gabriel García Márquez, como alguns dos integrantes e frequentadores das reuniões. Foi nesse grupo, por intermédio de Álvaro Cepeda que Gabriel García Márquez conheceu a obra de Willian Faulkner e

ISBN: 978-85-7205-159-0

Virginia Woolf, autores que se tornaram referência para o colombiano.

Na época que participou do Grupo de Barranquilla, Gabriel García Márquez tinha menos de 22 anos e tinha acabado de chegar à cidade em busca de um jornal onde pudesse trabalhar e talvez tentar publicar seus primeiros escritos, o que se concretizou no periódico *El Heraldo.* Foi nessa época que segundo Jacques Gilard, o escritor conseguiu desenvolver tanto os seus trabalhos jornalísticos como os literários:

> Gabriel García Márquez inicia-se no jornalismo uns oito meses após publicar o seu primeiro texto de ficção, o que significa dizer que tanto sua obra jornalística quanto literária se desenvolveu, nos primeiros anos, de maneira mais ou menos simultânea (GILARD, 2006)

Durante sua trajetória literária, Gabriel García Márquez teve uma extensa produção jornalística e exerceu seu ofício em diversos jornais e revistas na América e na Europa, como colunista, cronista, redator, repórter especial, editor, correspondente estrangeiro, além de ter sido crítico e roteirista de cinema.

No início da década de 1980, o colombiano estava novamente de volta à Colômbia, depois de uma temporada na Europa, Venezuela, Estados Unidos e México, quando publicou *Crónica de una muerte anunciada (*1982). Posteriormente se mudou para o México e em 1985, publicou *El amor en los tiempos del cólera.* Quatro anos mais tarde, quando tinha o posto de diretor da escola de cinema de San Antonio de los Baños em Cuba, dando continuidade às suas atividades entre o jornalismo e a escrita de ficção, publicou *El general en su laberinto.*

Em 2009 o crítico inglês Gerald Martín lançou a sua biografia, intitulada, *Una vida*. Depois, no ano de 2012 a *Fundación para el Nuevo Periodismo Iberoamericano* publicou *Gabo periodista*, uma seleção de suas melhores notas e reportagens. Dois anos depois, no dia 17 de abril de 2014, Gabriel García Márquez morreu na cidade do México, onde vivia desde a década de 1960, quando deixou o seu trabalho de jornalista na agência de notícias Prensa Latina em Nova York rumo ao país que o acolheu.

Literatura e jornalismo

Para introduzir a presença da literatura e do jornalismo nas produções do escritor, citamos o crítico inglês Gerald Martín:

> Quem conhece seus escritos sabe o quanto foi importante na formação do futuro escritor ter sido, antes, um jornalista. Veja-se pelo próprio título de suas obras. “Cem Anos de Solidão”, “Crônica de uma Morte Anunciada”, “O Amor nos Tempos do Cólera”, “Notícias de um Sequestro”, “Ninguém Escreve ao Coronel”, “O General em seu Labirinto”, “A Incrível e Triste História de cândida Eréndira e da Sua Avó Desalmada”, “A Má Hora: o Veneno da Madrugada”. Reparem bem: todos os títulos

ISBN: 978-85-7205-159-0

> de livros mais se parecem com chamamento de manchetes de jornais. Em quase todas as suas obras literárias, faz-se notar a presença do jornalista. Certamente, fazer literatura-arte como se fosse reportagens muito contribuiu para cativar o enorme público leitor de seus escritos: "Minha escrita é sempre uma espécie de literatura jornalística", reconhecia o próprio Gabriel García Márquez (MARTÍN, 2009).

Levando-se em consideração essa importante presença do jornalismo em sua produção escrita, escolhemos nesse corpus, cinco crônicas que tratam de um metatema – o processo de escrita – e que da mesma forma mantém a presença de aspectos da linguagem e dos recursos literários nesses textos. Não apresentaremos uma análise minuciosa de cada crônica, mas destacaremos trechos que oferecem dados para os dois pontos analisados.

Falando primeiramente do metatema, ou seja, a temática comum que se encontra nas crônicas, e que diz respeito ao processo de escrita do autor, podemos dizer que aparece por meio de relatos sobre o cotidiano, quando García Márquez faz referência ao processo rotineiro da produção de crônicas dentro da redação de jornal em "Todos os que estão".

Levando-se em conta que as crônicas aqui estudadas foram publicadas originalmente em jornais, consideramos que ao escrevê-las tendo como referência o seu dia a dia, o autor tivesse como objetivo mostrar aos seus leitores que ele era uma pessoa comum, que enfrentava dificuldades e barreiras no trabalho. Nessa concepção, ponderamos que Gabriel García Márquez preocupava-se em desenvolver uma escrita atrelada ao que Candido (2000) denominou como "direito à literatura", redigindo em forma de literatura humanizadora; aquela que tem o papel de sensibilizar as pessoas, de fazer com que elas se sintam representadas, se identifiquem com o que está sendo lido.

Entendemos que a escrita jornalística de García Márquez estava voltada para objetivos diferenciados daqueles do jornalismo tradicional, o de apenas noticiar, e por isso ele escrevia de maneira que permitisse ser lido e compreendido por um público bem heterogêneo. Desta maneira,o escritor se aventurou à prática de textos em que o vocabulário popular passou a ganhar espaço, diferentemente do que ditava o cânone literário. É o que se pode conferir no seguinte trecho de "Todos os que estão":

> O fenômeno é inquietante, alguém resolve pacificamente elaborar a digestão de uma crônica obrigatória; depois de haver folheado todos os jornais, à procura de um assunto, coloca o papel na máquina e escreve uma única coisa que todos os dias sai com espontaneidade ('La Jirafa', Septimus)

Essa temática que ronda o cronista a todo instante, a do papel em branco, e o obriga a pensar em criar algo em um tempo e num espaço delimitados, mediante a obrigatoriedade de encontrar uma máquina de escrever livre que nos conta García Márquez com um léxico e uma estrutura de frases simplificada, o que deixa o texto de fácil entendimento por parte dos leitores, também se repete em "Ladrões de Mecanografia", quando o cronista passa maus momentos em busca de uma máquina disponível para redigir sua tarefa do dia.

> Uma máquina de escrever desocupada é algo que não se encontra tão facilmente para

ISBN: 978-85-7205-159-0

> que não nos arrisquemos ao surpreendê-la indefesa em qualquer canto da redação, em trocar o pouco que nos resta de cidadão agradável por uma crônica escrita às pressas (“Ladrões de Mecanografia”),

Juntamente com a preocupação do processo de escrita, Gabriel García Márquez traz em suas crônicas referências as suas inspirações literárias, uma maneira de também deixar registrado que suas leituras, a ativa participação em grupos literários e o contato com poetas e literatos, contribuíram para o desenvolvimento e o estilo de sua escrita.

Essas inspirações literárias podem ser notadas porque o autor as menciona explicitamente em duas das crônicas analisadas. Dedica uma crônica na sua integralidade para falar de William Faulkner, por considerá-lo seu mestre, e em outra, comenta que entre sua posição de leitor, Hemingway ganha muito espaço. Ambos os escritores aparecem assumidamente como fontes inspiradoras para o escritor colombiano. Nesses dois textos, fica claro o seu conhecimento sobre os escritos deles, quanto é sua admiração, e se atreve a dizer quais características se assemelham com cada um de seus “mestres”. O que pode ser visto nos fragmentos da crônica intitulada “Meu Hemingway pessoal”:

> “Meus dois mestres maiores eram os dois norte-americanos que pareciam ter menos coisas em comum. Lera tudo o que eles publicaram até então (…). Um deles era Willian Faulkner (...)”
>
> “(...) Talvez (…) Faulkner seja um escritor que teve muito a ver com minha alma, mas Hemingway é o que mais teve a ver com minha profissão”.
>
> “A obra de Hemingway demonstra que seu fôlego era genial (...)”.

A partir da observação das crônicas, percebemos que com o passar dos anos, com a experiência como cronista, as vivências no universo jornalístico, como repórter investigativo na Europa, seus contatos literários e suas leituras,entre outros muitos fatores desse contexto de García Márquez, contribuíram para o autor desenvolver e aprimorar sua escrita. Foi aos poucos no exercício da profissão, que aprendeu a escrever, criando um estilo próprio de escrita.

Essa percepção parte de um comparativo entre dois períodos de sua atuação de cronista. Destacamos que nos anos 1950 quando trabalhava no *El Heraldo,* escrevia textos mais curtos (em relação às crônicas do *El Espectador*), com um léxico mais simples, com a presença de um bom humor, que era sua marca registrada, tratando principalmente de questões corriqueiras, diárias, com opiniões mais ingênuas, já que era um jovem jornalista, quase sem experiência e despreocupado com a exposição de suas ideias e com as consequências que isso teria no futuro.

Já nos anos de 1980, Gabriel García Márquez encontrava-se numa fase diferente a essa anterior, em que sua escrita se mostrava mais elaborada, com léxico e sintaxe mais refinados, podemos dizer. Neste momento não é mais um iniciante, despreocupado com o que diz, mas sim um escritor renomado, que mede suas palavras e que calcula

ISBN: 978-85-7205-159-0

exatamente o quê dizer e como quer dizer. García Márquez demonstra desassossego com os questionamentos que se fazem aos escritores e, sobretudo, com a sua fase de leitor. E nessa outra fase do autor, a rotina é construída por um conjunto de atividades intelectuais, além da redação de crônicas. A preocupação com a qualidade dos novos escritores evidencia também que o colombiano não deixava de se preocupar com o processo de escrita; não somente o que lhe dizia respeito, mas também dos escritores em geral.

Recortamos dois trechos para exemplificar esse aspecto presente nas duas crônicas "Todos que estão" e "Que livro você está lendo". O primeiro trecho, de sua fase inicial no jornalismo, nos anos 1950:

> Acredito que nenhum lugar seja mais atraente aos loucos em potencial do que uma redação de jornal. Aquele que, segundo dizem, não regula bem da cabeça, pode acabar incomodamente instalado numa camisa-de-força depois de passar uma tarde metido entre estas quatro paredes, onde qualquer um que tenha parafuso frouxo se sente espiritualmente disposto a pronunciar um discurso parlamentar. ("Todos os que estão")

e o segundo, de sua fase experiente, quando já havia dedicado mais de 30 anos às atividades jornalísticas e literárias:

> A resposta é quase sempre evasiva, porque a partir de uma certa idade não se sabe com certeza que livro está lendo, ofuscado um pouco pela sensação desoladora de que tudo o que valia a pena já foi lido em outros tempos, e as horas que antes eram dedicadas à leitura são utilidades agora para ciscar aqui e ali, com a esperança de encontrar por fim uma nova e intempestiva revelação. ("Que livro você está lendo?")

O desenvolver da escrita de Gabriel García Márquez, em uma mistura de experiências jornalísticas e literárias, permitiu que o autor passasse a se expressar com uma fórmula muito própria, entrelaçando literatura e jornalismo. Em seus textos, ao trazer leveza, humor, descontração para o que está sendo dito, e fugir da seriedade e objetividade da escrita jornalística, Gabriel García Márquez faz uso de recursos linguísticos presentes nos textos literários, como podemos constatar na seguinte passagem:

> (...) girei de uma calçada para a outra:
>
> – *Maeeestro.*
>
> Ernest Hemingway compreendeu que não podia haver outro mestre entre a multidão de estudantes, voltou-se com a mão para cima, e gritou em castelhano com uma voz um tanto pueril:
>
> - *Adiooooos*, amigo.

Encontramos aqui um fragmento bastante rico e representativo dessa escrita que nos aponta a presença de traços literários. Uma característica que logo se nota, por conta de sua marcação gráfica, é a presença de travessões. Esse recurso literário é utilizado para representar diálogos. Ao contrário do jornalismo, que tem como característica

ISBN: 978-85-7205-159-0

fazer uso do discurso indireto para representar falas, aqui o autor utiliza o discurso direto, próprio da literatura. Nesse excerto, Gabriel García Márquez relata um encontro que teve com Hemingway, e para expressar literalmente as falas, se apropria desse recurso literário. Um aspecto a se destacar é a impossibilidade de sabermos se o "mestre" de fato o ouviu, se proferiu aquelas palavras, da maneira como o escritor nos apresenta. Esse impedimento de confirmar se a situação é dotada de realidade ou não, ou se é uma representação verossímil, pode ser interpretada como a presença do realismo mágico, ou seja, a possibilidade de imprimir ao relato verossimilhança. Mesmo assim, fica a pergunta no ar, onde estaria a marca da magia?, talvez na maneira de relatar a realidade, utilizando de elementos de sua imaginação, poderíamos contestar a essa altura deste trabalho.

Outro aspecto que constamos na representação da fala diz respeito ao seu léxico: o alongamento das vogais, na representação de um grito por conta da distância entre os falantes. O que demonstra a existência de marca de oralidade no texto. O léxico também se torna representativo com o "mestre", em que o autor deixa registrado em mais um excerto de seus escritos, sua inspiração literária e sua admiração pelo literato.

Outro ponto a ser comentado, uma vez que é bastante evidente nesse conjunto de crônicas, é o fato de que Gabriel García Márquez em seus escritos recorre à ironia, outro recurso da linguagem literária, para contar que a redação de jornal era caótica. O que pode ser visto nos seguintes trechos: "Acredito que nenhum lugar seja mais atraente aos loucos do que uma redação de jornal"; "Se aquele que visita a redação dos jornais fosse apenas um só tipo de louco, o problema não seria tão grave", "Aquele que segundo dizem não regula bem da cabeça", "(...) onde qualquer um tenho um parafuso frouxo", "(...) elaborar a digestão de uma crônica obrigatória". Esse recurso linguístico, juntamente com o sentido figurado, concede ao texto justamente esse teor de descontração, o que vem por meio da oralidade e do repertório popular, dois pontos muito particulares em se tratando da personalidade literária de García Márquez.

Notamos também que o escritor colombiano se apropria da linguagem poética para expressar seu pensamento com leveza e como uma forma de se questionar. O exemplo fica por conta da passagem: "Tudo isso me levou a pensar o que teria sido desta crônica se, por acidente (…) uma das cinco máquinas em que a escrevi". Outras ocorrências que nos comprovam a presença da linguagem poética nos escritos do autor colombiano, são as passagens "(...) já não leio, releio" e "O grande perigo da releitura é a desilusão", presentes na crônica "Que livro você está lendo?".

Algumas considerações finais

A análise das crônicas nos permitiu constatar que essa maneira de escrever, utilizando traços característicos da literatura em conjunto com traços do jornalismo tornou-se uma marca estilística de Gabriel García Márquez, na escrita do gênero híbrido crônica. E mais, que sua escrita adquiriu uma característica híbrida também, no sentido de que a literatura, o jornalismo e o realismo mágico aparecem fundidos. Dessa forma, as crônicas do escritor colombiano trazem a realidade para a ficção deixando para o leitor a certeza que há algo de mágico na realidade dos

ISBN: 978-85-7205-159-0

fatos abordados em cada um desses textos semanais. Tal formato de escrita, acreditamos que também teve como contribuição os anos de exercício na profissão, as experiências jornalísticas como colunista, cronista, repórter investigativo, correspondente estrangeiro, editor e empresário de comunicação, e o seu constante envolvimento com a literatura, fatores que o fizeram constituir uma bagagem cultural bastante expressiva.

Percebe-se então a importância da aplicação do conceito de literariedade de Culler (1999) para a relevância da análise das crônicas selecionadas, pois esse conceito nos ajudou a compreender o estilo de escrita do autor, possibilitando a identificação de aspectos literários a suas narrativas diárias, fato que atribuiu à sua escrita um processo de aperfeiçoamento e de experimentação, como um "laboratório de escrita", como afirma Rodrigues (2005, p.1).

Por fim, consideramos ressaltar que esse trabalho pretendeu contribuir com os estudos sobre as crônicas de Gabriel García Márquez, mas que não se esgota aqui, pois esse tema ainda tem muito a ser estudado e explorado.

Referências Bibliográficas

BELTRÃO, L. *Iniciação à filosofia do Jornalismo.* São Paulo: Edusp, 1992.

CANDIDO, Antonio et al. *A vida ao rés-do-chão.* In: _____. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa,1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.* 6a. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.* 6ª.ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CULLER, Jonathan. *Capítulo 2 – O que é literatura e tem ela importância?* In: Teoria literária: uma introdução. trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

LLOSA, Vargas. García Márquez: *Historia de un deicidio.* Barcelona-Caracas: Monte Ávila Editores, 1971.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas*. São Paulo: Manole, 2009.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Crônica – Obra jornalística 5 - (1961 – 1984).* trad. Léo Schlafman Rio de janeiro: Record, 2006.

----------. *Textos andinos, 1954-1955.* trad. Remy Gorga Filho e Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Textos Caribenhos Obra Jornalística 1948-1952*. trad. de Joel Silveira; recopilação e prólogo de Jacques Gilard, Rio de Janeiro: Record, 2006.

MARTÍN, Gerald. *Uma vida.* trad. de Eugenia Vázquez Nacarino. Estados Unidos: Random House Mondadori, S.A., 2009.

ISBN: 978-85-7205-159-0

RODRIGUES, Joana de Fátima. *Literatura e jornalismo em Gabriel García Márquez: uma leitura de crônicas.* Dissertação de mestrado, 2005. FFLCH/USP. Disponível em*: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../TESE_JOANA_FATIMA_RODRIGUES.pdf Acesso: 21/07/2016.*

SÁ, Jorge de. *A crônica.* 5ª.ed. São Paulo: Ática, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a literatura?* trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 6ª.ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIVALDI, Gonzalo. *Géneros Periodísticos*. Madrid: Paraninfo, 1986.

VIZEU, Alfredo. "Beltrão, os estudos e as teorias do jornalismo". In: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo. V.20, n. I, 2007.

---

i